RESUMO
A dança e a sociedade estão constantemente conectadas. Não é possível abordar a dança sem explorar a riqueza de sua história ao longo do tempo, nem sem mencionar o ser humano, sua corporalidade e necessidades. Essa percepção do movimento por meio da dança pode estar vinculada ao campo pedagógico, pois, além de ser uma prática física, a dança é essencial para que o indivíduo compreenda o quê e por que é importante realizar o movimento. O movimento expressivo, acima de tudo, deve ser realizado com consciência. A dança reside no âmbito do sensível e carrega em si o potencial de integrar todos os sentidos, entrelaçando-os. Assim como as demais formas de arte, a dança embeleza a vida, trazendo cor à nossa existência ao permitir uma percepção sensível da realidade, que transforma o mundo real. A dança é uma das manifestações mais antigas de expressão humana. Os gestos e movimentos realizados na dança eram espontâneos, naturais e instintivos, embora desempenhassem diferentes funções, com propósitos e significados variados, conforme o período histórico. Contudo, mesmo reconhecendo a complexidade desse tema, que envolve elementos que demandam um estudo mais profundo, optamos por mencionar algumas das formas de dança de que temos registro: dança da fita, dança circular, dança do coco e dança afro-brasileira.

Palavras-Chave: Dança. Tradição. Movimento.

ABSTRACT
Dance and society are constantly connected. It is impossible to approach dance without exploring the richness of its history over time, nor without mentioning the human being, his or her physicality and needs. This perception of movement through dance can be linked to the pedagogical field, because, in addition to being a physical practice, dance is essential for the individual to understand what and why it is important to perform movement. Expressive movement, above all, must be performed consciously. Dance resides in the realm of the sensitive and carries within itself the potential to integrate all the senses, intertwining them. Like other forms of art, dance beautifies life, bringing color to our existence by allowing a sensitive perception of reality, which transforms the real world. Dance is one of the oldest manifestations of human expression. The gestures and movements performed in dance were spontaneous, natural and instinctive, although they performed different functions, with varied purposes and meanings, depending on the historical period. However, even recognizing the complexity of this topic, which involves elements that demand a more in-depth study, we chose to mention some of the dance forms that we have records of: ribbon dance, circular dance, coconut dance and Afro-Brazilian dance.

Keywords: Dance. Tradition. Movement.

INTRODUÇÃO
Ao observar a trajetória de qualquer civilização, desde as mais antigas até os tempos atuais, é possível identificar expressões culturais como jogos, esportes e dança. Para expressar suas emoções e externalizá-las, o ser humano recorreu ao movimento e ao gesto. É através da dança que ele pode explorar as características do movimento expressivo, como leveza ou peso, força ou fraqueza, rapidez ou lentidão, fluidez ou interrupção. Além disso, é possível perceber sua intensidade, duração e direção, analisando-o com base nesses aspectos. A dança pertence ao universo do sensível, reunindo em si o potencial de todos os sentidos, unindo-os de maneira harmoniosa. Assim como as demais formas de arte, ela enriquece a existência, trazendo cor à nossa vida ao permitir uma percepção sensível da realidade, que transforma o mundo ao nosso redor.
Promover uma abordagem pedagógica mais significativa por meio da dança significa proporcionar ao indivíduo a oportunidade de

se expressar criativamente, sem exclusões, tornando essa linguagem corporal um meio de transformação, e não apenas de reprodução. A dança, assim, pode ser uma ferramenta valiosa para que o indivíduo lide com suas necessidades, desejos e expectativas, ao mesmo tempo em que atua como um instrumento para seu desenvolvimento pessoal e social.

O ENSINO DA DANÇA NA ESCOLA

No Brasil e em diversos países, a dança vem conquistando cada vez mais destaque devido aos benefícios comprovados, que incluem a elevação da autoestima, o combate ao estresse e à depressão, além do fortalecimento das relações interpessoais. No entanto, é essencial que a prática da dança com propósitos educacionais seja introduzida desde o ambiente escolar. Como afirma Steinhilber (2000): "Uma criança que participa tem um melhor desenvolvimento afetivo, social e cognitivo".

Os conteúdos abordados na dança podem incluir: os aspectos e estruturas relacionados ao aprendizado do movimento (como elementos da coreologia, educação rítmica e técnicas específicas); disciplinas que se conectam com a dança (história, estética, apreciação e crítica, sociologia, antropologia, música, além de conhecimentos de anatomia, fisiologia e cinesiologia); e as diversas possibilidades de vivenciar a dança em sua essência, como repertório, improvisação e composição coreográfica.

Percebe-se que a amplitude desse conteúdo é vasta e variada, mas não deve ser interpretada como algo fixo ou finalizado dentro de uma perspectiva tradicional. Pelo contrário, deve servir como um recurso que enriqueça os processos de ensino-aprendizagem, integrando aspectos diretamente ligados ao corpo, à dança e à diversidade cultural, promovendo uma (re)leitura de um mundo ancorado em nossa realidade histórica e cultural.

Acima de tudo, a escola deve valorizar e estar atenta às experiências corporais e aos valores que cada indivíduo traz consigo, permitindo que os conteúdos abordados se tornem mais significativos e atrativos para os alunos. Assim, a educação por meio da dança contribui para a formação de cidadãos com uma visão mais crítica, autônoma e participativa na sociedade em que vivemos.

DANÇA DA FITA

A Dança da Fita é uma manifestação cultural ancestral de origem europeia, trazida ao Brasil pelos imigrantes no século passado, especialmente nos estados do sul, como Santa Catarina e Rio Grande do Sul. Atualmente, essa tradição também se encontra difundida em outras regiões do país, como Minas Gerais. Essa prática é uma forma de reverência à árvore, celebrada após o rigoroso inverno europeu. Nas aldeias, os colonos realizavam a Dança da Fita no início da primavera como uma homenagem ao renascimento e à renovação da natureza.

A Dança da Fita é realizada da seguinte forma: no centro, é colocado um mastro, conhecido como pau-de-fita, com aproximadamente 3 metros de altura, decorado com doze fitas de cores variadas (duas vermelhas, duas verdes, duas amarelas, duas azuis, duas rosas e duas azuis-escuras). Ao redor do mastro, formam-se duas filas, sendo os homens posicionados à direita e as mulheres à esquerda. Na frente dessas filas fica o mestre, que dá início à dança com o toque de um apito.

O primeiro movimento simboliza a preparação da terra para o plantio da árvore. Em seguida, no segundo movimento, os dançarinos cruzam as fitas, representando a escolha da semente. No terceiro movimento, acontece a semeadura. No quarto movimento, começam a surgir as tranças formadas pelas fitas, simbolizando as raízes, com um total de cinco tipos de trançados diferentes. Quando o mastro está completamente coberto pelas tranças, os adultos cedem lugar às crianças, que realizam o movimento de destrançar as fitas. Nesse momento, as crianças representam as folhas da árvore. Ao final desse processo, o mastro é transformado simbolicamente em uma árvore, marcando o encerramento da dança.

DANÇA CIRCULAR

As danças circulares são práticas coletivas cujo objetivo principal é promover a integração do grupo e fortalecer valores como em-

patia, compreensão e o sentimento de pertencimento. Nesse estilo de dança, pessoas de todas as idades se organizam em círculos, realizando coreografias de forma conjunta.
Essa configuração permite que cada participante contribua com sua intenção e energia para o círculo, expressando o melhor de si e buscando a harmonia e a unidade entre todos os integrantes.
As danças circulares são realizadas em formato de círculo por diversos motivos, sendo o principal deles a poderosa simbologia do círculo, que ao longo da história tem representado a ideia de totalidade, refletindo a conexão entre o ser humano e a natureza. O círculo carrega significados de união, continuidade e equilíbrio entre os indivíduos e o ambiente ao seu redor.
A dança circular foi introduzida no Brasil na década de 1980, por Sara Marriott, uma das integrantes da Comunidade de Findhorn, na Escócia. Após se mudar para o Brasil, ela passou a residir no Centro de Vivências Nazaré, em Nazaré Paulista. Foi nesse local que Sara implementou as práticas de dança circular, trazendo para o Brasil as experiências que vivenciou na comunidade escocesa.
A partir desse momento, o movimento se espalhou por todo o Brasil. Hoje em dia, essas manifestações podem ser encontradas em diversos locais, como escolas, parques, grupos comunitários, presídios, empresas, entre outros.
As cantigas de roda, cirandas ou brincadeiras de roda são brincadeiras infantis em que as crianças formam um círculo de mãos dadas e cantam músicas folclóricas, podendo ou não realizar coreografias relacionadas à letra da canção. Elas representam uma grande expressão da cultura popular, e acredita-se que suas origens estejam em músicas adaptadas de autores populares ou que surgiram de forma anônima entre o povo. Essas melodias são simples, com uma tonalidade geralmente de uma oitava e sem modulações complexas. O compasso mais comum é o binário, embora também se utilize o ternário e o quaternário. Entre as cantigas de roda mais conhecidas estão "Roda pião", "Escravos de Jó", "Rosa juvenil", "Sapo Cururu", "O cravo e a rosa", "Ciranda-Cirandinha" e "Atirei o pau no gato".

Em outras palavras, as Cantigas de Roda são canções populares infantis associadas às brincadeiras de roda. Essas músicas possuem melodias de ritmo simples e acelerado, facilitando sua rápida assimilação. Elas fazem parte das tradições orais de diversas culturas e, no Brasil, são um elemento importante do folclore, incorporando influências das culturas africana, europeia (principalmente portuguesa e espanhola) e indígena. Uma característica marcante das cantigas de roda na cultura brasileira é a autoria coletiva ou anônima, já que são transmitidas de geração em geração.
Ligadas ao ato de brincar, as cantigas envolvem a formação de um círculo com várias crianças (ou adultos), que se dão as mãos e cantam uma música com características próprias, como melodia e ritmo típicos da cultura local, letras simples e de fácil entendimento, abordando temas do cotidiano ou do imaginário infantil, e frequentemente acompanhadas de coreografias.
As cantigas de roda conhecidas no Brasil têm raízes europeias, especialmente em Portugal e na Espanha. Elas desempenham um papel crucial na preservação da cultura de um país, pois através delas é possível conhecer os costumes, o cotidiano, as festas, a alimentação, as brincadeiras, a paisagem e as crenças locais. Normalmente, essas canções têm origens antigas e várias versões de suas letras, transmitidas oralmente ao longo das gerações.
A "Linda Rosa Juvenil" é uma das danças de roda dramatizadas, em que as crianças se caracterizam com roupas ou máscaras dos personagens mencionados na música. Elas formam um círculo e, ao cantarem a canção, dramatizam os personagens como a linda rosa, a bruxa má, o relógio (tempo) e o belo rei.

DANÇA DO COCO

O coco é um ritmo originário da região que faz fronteira entre Alagoas e Pernambuco. O termo "coco" também se refere à dança executada ao som desse ritmo. A palavra "coco" significa "cabeça", fazendo alusão à origem das músicas, que possuem letras simples. Com influências africanas e indígenas, o coco é uma dança de roda, geralmente

acompanhada de cantoria, que é realizada em pares, fileiras ou círculos durante festas populares tanto no litoral quanto no sertão nordestino.
O coco recebe diversas nomenclaturas, como coco-de-roda, coco-de-embolada, coco-de-praia, coco-do-sertão, coco-de-umbigada, além de ser identificado com o nome de instrumentos típicos da região onde é praticado, como coco-de-ganzá e coco de zambê. Cada grupo recria a dança, adaptando-a conforme o gosto da comunidade local. É uma dança característica das regiões praieiras, sendo conhecida em todo o Norte e Nordeste do Brasil. Alguns pesquisadores defendem que o coco teve sua origem nos engenhos, espalhando-se depois para o litoral. A maioria dos folcloristas, porém, acredita que o coco surgiu no canto dos tiradores de coco e, posteriormente, se transformou em uma dança. Existe também a controvérsia sobre qual estado nordestino foi o berço dessa manifestação, com Alagoas, Paraíba e Pernambuco sendo apontados como os principais estados responsáveis pelo folguedo.
De maneira geral, o coco segue uma coreografia básica: os dançarinos formam filas ou rodas, realizando o sapateado característico, respondendo ao ritmo do coco, trocando umbigadas entre si e com os pares vizinhos, além de bater palmas para marcar o ritmo. Frequentemente, um "cantadô" lidera a dança, puxando cantos já conhecidos ou improvisados pelos participantes. O coco pode ser dançado com ou sem calçados, e não há necessidade de vestuário específico. A dança possui influências dos bailes indígenas dos Tupis e também dos batuques africanos. Assim como outras danças brasileiras, o coco apresenta uma grande variedade de formas, sendo as mais conhecidas o coco-de-amarração, coco-de-embolada, balamento e pagode.
Os instrumentos mais utilizados no coco são os de percussão, como ganzá, bombos, zabumbas, caracaxás, pandeiros e cuícas. No entanto, para formar uma roda de coco, nem todos esses instrumentos são essenciais; às vezes, basta a batida das palmas ritmadas dos participantes. O coco é tradicionalmente uma dança do ciclo junino, mas também é dançado em outras épocas do ano.
Com o surgimento do baião, o coco passou por algumas modificações. Hoje, os dançarinos não trocam mais umbigadas, mas executam um sapateado forte, como se estivessem pisando o solo ou em uma competição de resistência. O ritmo contagiante do coco influenciou diversos compositores populares, como Chico Science e Alceu Valença, além de bandas de rock pernambucanas. O sucesso de Dona Selma do Coco, que atrai pessoas de todas as idades, demonstra a relevância desse antigo ritmo, que vem sendo resgatado e revitalizado no Nordeste do Brasil.

DANÇA AFRO-BRASILEIRA
A Dança Afro-Brasileira é uma das manifestações culturais de origem africana, considerada uma das mais antigas expressões humanas. Ela não apenas sobrevive até hoje, mas também continua em constante desenvolvimento. Trazida pelos escravizados africanos para o Brasil, essa dança é marcada por ritmos fortes, geralmente acompanhados pelos toques de atabaques, e por movimentos de expressão corporal inspirados nas tribos africanas que migraram para o país.
Os dançarinos costumam dançar descalços, usando roupas coloridas e adornos vibrantes. Seus movimentos incluem saltos leves, elásticos movimentos do tronco e flexões e extensões acentuadas. A dança exige grande coordenação motora e rítmica, além de uma forte expressão corporal e facial. Com uma energia de guerreiros prontos para o combate, a dança afro-brasileira mescla influências indígenas e europeias, criando uma rica e vibrante tradição nas terras brasileiras.
A dança afro-brasileira é, ao mesmo tempo, rústica, intensa, sensual e expressiva, sendo estruturada em torno do próprio corpo humano, com movimentos naturais e espontâneos. Sua principal manifestação é a alegria, o prazer e a conexão com o divino, que surge de forma orgânica por meio da magia do som e do movimento do coração afro. A dança afro é o resultado da fusão de dois estilos distintos: a energia dos movimentos fortes do Afro, combinada com a flexibilidade e o swing do jazz contemporâneo. Ela utiliza principalmente as pernas e o tronco,

enquanto transmite mensagens através dos braços e das mãos.

As oficinas de dança afro-brasileira têm como objetivo valorizar a cultura negra como um componente essencial na formação da sociedade brasileira, além de promover o resgate da autoestima e a valorização dos alunos.

A oficina de dança afro tem como objetivo principal envolver os alunos com a linguagem e o conhecimento artístico da dança afro-brasileira, estimulando sua expressão corporal. Ela busca promover a inclusão social e combater preconceitos, proporcionando uma experiência enriquecedora de aprendizado e valorização cultural.

DANÇA COMO LINGUAGEM

A dança é a forma de linguagem simbólica mais antiga da humanidade. Ao longo de sua história, ela foi desenvolvida e aprimorada, tornando-se uma organização complexa de movimentos. A dança tem contribuído, e ainda contribui, de forma constante, para o desenvolvimento da inteligência, das habilidades motoras e do comportamento humano. Além disso, ela tem influenciado as mudanças sociais ao longo dos séculos, em razão da diversificação das técnicas e das descobertas cada vez mais detalhadas sobre as possibilidades e atividades corporais. Essas descobertas são a base dos estudos e conceitos do universo lúdico da dança, bem como das pesquisas e aprimoramentos nas especificações técnicas e estéticas dessa arte.

A dança tem suas origens nas manifestações de agradecimento e na conexão do homem pré-histórico com a natureza. No entanto, foi na Grécia Antiga que começaram a surgir os primeiros sinais de organização da dança, especialmente nas danças circulares, nas quais os dançarinos usavam máscaras e se entregavam ao canto e à dança em homenagem aos deuses, com destaque para Dionísio, o deus do vinho. Com o declínio da civilização grega e a ascensão do Império Romano, os dançarinos gregos passaram a ser vistos apenas como espetáculo para os romanos. Nesse período, destaca-se a prática da pantomima.

Na Idade Média, com a ascensão do Cristianismo, o pensamento era amplamente moldado pela Igreja Católica, que só aceitava danças relacionadas à sua religiosidade, como a dança litúrgica. Outras formas de dança eram vistas como “pagãs”. Apesar da proibição ou da falta de legitimidade concedida pelo Clero, essas danças continuaram a existir e a fazer parte da vida popular, como a Carola, uma dança criada pelos camponeses. Esse período da história também é marcado pela presença dos mambembes, dançarinos itinerantes que se apresentavam em feiras e vilarejos nas periferias dos castelos. Esses dançarinos aprendiam, exibiam e ensinavam danças de diversas regiões, que eram copiadas até mesmo pelos nobres, originando, assim, a dança de corte.

O fim da Era Medieval foi marcado por grande confusão, guerras, fome e doenças. Nesse contexto, as pessoas recorriam a danças curativas e à dança macabra, frequentemente realizadas em cemitérios, para representar a insanidade resultante do pecado. No entanto, também foi nesse período que a dança começou a incorporar música e poesia, buscando a beleza das formas por meio da pesquisa e do aprimoramento dos dançarinos. Dessa forma, a dança começou a ganhar características de espetáculo artístico por volta do século XIV, quando o gênero de dança conhecido como momo passou a ser apresentado como atração durante os intervalos dos banquetes reais, reunindo dançarinos, cantores, músicos e outros artistas. Esses elementos, mais tarde, passaram a compor o balé de corte.

Com o fim do teocentrismo e da Idade Média e o início do Renascimento, a arte se desvinculou da Igreja e passou a buscar uma valorização mais ampla, com ênfase na burguesia, composta por comerciantes cada vez mais ricos. Esse período marcou uma fase de intensos estudos artísticos, durante a qual a dança passou por um processo de reestruturação mais complexo, envolvendo treino técnico, consciência corporal, cenário e ações dramáticas. Esse desenvolvimento resultou na criação do bailarino profissional e do mestre de dança, que era responsável pelas coreografias e tinha proximidade com a nobreza. A dança passou a se apresentar de forma mais refinada, com o balé de cor-

te, que se diferenciava da dança de corte anterior, pois suas coreografias eram mais elaboradas e sofisticadas. Esse balé era uma exibição da nobreza, que cultivava um estilo de vida refinado, elegância e ostentação de poder sobre as outras classes sociais. Durante esse período, com as sucessões conturbadas ao trono real francês, o balé de corte também passou a ser usado como ferramenta de propaganda da corte. Com a ascensão de Luís XIV, grande entusiasta dessa arte, a profissionalização da dança ganhou mais força, especialmente com a criação da Academia Real de Dança em 1661, que permaneceu ativa até 1780.

Após o balé de corte, o coreógrafo Pierre de Beauchamps introduziu uma reforma significativa na dança, estabelecendo as cinco posições básicas do balé e codificando uma técnica clássica rigorosa que enfatizava a beleza e a precisão das formas e movimentos. Essa técnica destacava a disciplina e o controle dos gestos, em que a forma do movimento era considerada mais importante do que a emoção que ele transmitia. Molière também teve um papel importante, ao introduzir a comédia-ballet, que, em sua essência, era uma forma de balé de corte.

No entanto, foi Jean-Georges Noverre quem efetivamente reformulou a dança nesse período. Noverre incorporou pesquisa sobre música e anatomia para transformar a dança em uma narrativa dramática mais expressiva e emocional. Ao contrário de Beauchamps, Noverre acreditava que a estética do movimento deveria refletir a emoção do dançarino, com a dança transcendendo o corpo e o espírito, ao invés de seguir formas mecânicas e rígidas. Em suas Letters of Noverre, ele propôs mudanças importantes, como a eliminação das máscaras e das vestimentas pesadas e desconfortáveis, além de questionar a técnica convencional. Ele também enfatizou a alienação do bailarino e a necessidade de uma formação mais adequada para os professores de dança.

Durante o Movimento Romântico no século XIX, a dança passou a refletir a intensificação das emoções humanas, com ênfase na sensibilidade e na expressão dos sentimentos. A razão foi deixada de lado, dando lugar à leveza, fluidez e ao etéreo nos movimentos, que se tornaram meios de exteriorizar as emoções mais profundas. Nesse contexto, as bailarinas passaram a ser o centro das atenções nos espetáculos, e os coreógrafos focaram em desenvolver coreografias que ressaltassem suas qualidades, com o bailarino atuando como suporte para realçar o protagonismo feminino.

A técnica da dança nas pontas dos pés, aliada ao uso de figurinos mais leves que favoreciam os movimentos, trouxe um novo nível de expressividade e leveza às performances. Esses balés frequentemente abordavam temas de amor entre mortais e espíritos, como exemplificado no balé La Sylphide, que foi coreografado para a dança nas pontas dos pés, inovando e enfatizando ainda mais a sensação de esterilidade e delicadeza nos movimentos das bailarinas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A dança desempenha um papel fundamental no processo de ensino-aprendizagem, promovendo um desenvolvimento gradual e impactando positivamente diversos aspectos da vida dos alunos. Ela melhora o desempenho escolar, contribui para mudanças comportamentais e favorece o bem-estar físico e mental, uma vez que envolve o corpo, a mente e a alma de maneira integrada. Por isso, é essencial que a dança seja introduzida nas escolas, proporcionando às crianças o acesso à arte e à cultura desde cedo.

Através da dança, os alunos experimentam uma significativa melhora no comportamento social, desenvolvem habilidades cognitivas e motoras, e, como resultado, tornam-se cidadãos éticos, capazes de formar suas próprias opiniões e ideias de maneira mais consciente e reflexiva.

Portanto, o educador deve adotar uma postura consciente na busca por práticas pedagógicas que se alinhem com a realidade dos alunos, como a dança, que favorece o desenvolvimento da criatividade e a descoberta pessoal das habilidades individuais. Isso contribui de maneira significativa para a formação de cidadãos críticos, autônomos e conscientes de suas ações, com o objetivo de promover uma transformação social positiva.

Mais do que simples passatempos, as brinca-

deiras de roda estimulam a expressão oral, a audição e o ritmo das crianças. Enquanto giram no pátio, cantando as músicas divertidas, elas também exercitam o equilíbrio e a coordenação motora. É fundamental que os alunos conheçam as coreografias tradicionais das cirandas como forma de preservar nossa cultura, mas também é importante incentivar a adaptação dessas danças e a criação de novos movimentos, promovendo a inovação e a expressão individual.

REFERÊNCIAS

ARRUDA, Solange. Arte do movimento: as descobertas de Rudolf Laban na dança e ação humana. São Paulo: PW Gráficos; Editores Associados, 1988.

BERTONI, Ísis Gomes. A dança e a evolução: O ballet e seu contexto histórico; Programação didática. São Paulo: Tanz do Brasil, 1992.

BRASIL - MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E CULTURA. Secretaria de Educação Fundamental. Parâmetros Curriculares Nacionais. Educação física Brasília: MEC/ SEF, 1997.

CUNHA, M. Aprenda dançando, dance aprendendo. 2 ed. Porto Alegre:Luzzatto, 1992.

FIAMONCINI, Luciana. Dança na educação: a busca de elementos na arte e na estética. Revista Pensar a prática: Revista da Pós-Graduação em Educação Física, Goiânia, v. 6, p. 59-72, jul./jun. 2002-2003.

FUSARI, M. F. e Ferraz, M. H. Arte na educação escolar. São Paulo: Cortez, 1993.

FUX, Maria. Dança, experiência de vida. 3ª Ed. São Paulo, Summus,1983.

GEHRES, Adriana de Faria. A dança popular na pré-escola e no primeiro grau é menor. Corporis - Revista da Escola Superior de Educação Física da UPE, ano 1, v. 1, n. 1, jul./dez. 1996.

LABAN, R. Domínio do movimento. São Paulo: Summus, 1978.

LABAN, Rudolf. Dança Educativa Moderna. São Paulo: Ícone, 1990.

MARQUES, IA Dançando na escola. São Paulo: Cortez, 2003.

MARQUES, IA Dançando na escola. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2005.

MORANDI, C. A Dança e a Educação do cidadão sensível. In: STRAZZACAPPA, M. Entre a arte e a docência: A formação do artista da dança. Campinas: Papirus, 2006.